



FIALHO DE ALMEIDA: nos 100 anos da sua morte (1911-2011)

Foi uma figura no seu tempo. A originalidade que irradiava vinha-lhe do berço, ainda que a fosse cultivando ao longo da vida. Pessoalmente, descrevem-no como um homem pequeno, tímido, inseguro e de temperamento instável. Retrato que nada condiz com a sua imagem pública, que combina a extravagância no vestir, a frequência dos círculos intelectuais e boémios de Lisboa, e uma postura provocante, acintosa mesmo, com tradução na mordacidade, que temperava quase tudo o que escrevia. Não media a acutilância das palavras, que manejava com rasgos de génio. E não poupava ninguém, fosse instituição, personalidade, partido ou grupo social.

Nasceu em Vila-de-Frades, concelho da Vidigueira, no Alentejo, a 7 de Maio 1857¹. O pai, que era mestre-escola da localidade, ter-se-á encarregado dos seus primeiros estudos e, em face dos resultados promissores, possibilitou ao jovem Fialho de Almeida a frequência do Colégio Europeu, em Lisboa. Veio para a capital em 1866, mantendo-se naquele estabelecimento até 1872. Contava quinze anos de idade quando foi constringido a empregar-se como praticante de farmácia. Mas não desistiu de estudar: chegou a concluir o curso de Medicina, embora não tenha chegado a exercê-la. Entretanto, tomou o gosto pelas Letras e acabou por dedicar-lhes todo o seu ardente vigor. Fez-se colaborador da imprensa², escrevendo contos, crónicas, críticas literárias e teatrais, redigiu entradas para dicionários e outras publicações. Também deu aulas; enfim, procurou garantir o sustento necessário para se manter em Lisboa e completar a sua formação académica. Foi um caminho difícil, feito a passo de carga, de que deixou um relato mais amargurado do que orgulhoso na *Autobiografia*, que faz parte do livro *À Esquina. Jornal de um vagabundo*, publicado em 1903.

Em 1889, um editor portuense (Alcino Aranha) seduzido pelo estilo original e satírico de Fialho de Almeida, e conhecedor do gosto que o público tinha por esse tipo de literatura – sobretudo, em períodos de maior agitação social e política, como aquele que se instalara com o *Ultimatum* inglês de 1890 – propôs-lhe a publicação mensal de uma crónica sobre aspectos diversos da vida nacional. Fialho de Almeida não se fez rogado e, em Agosto desse ano, o público foi confrontado com o primeiro fascículo d' *Os Gatos*. A aposta editorial não falhou: nem na oportunidade nem na qualidade. O sucesso foi de tal monta

¹ Cf. «Fialho de Almeida», disponível em: http://www.palimpsesto-editora.pt/1/fialho_de_almeida_235479.html

² Entre outras, foi colaborador das seguintes publicações periódicas: *O Interesse Público*, de que foi director literário (Lisboa, 1886); *O Repórter*, dirigido por Oliveira Martins (Porto, 1888); e *Revista de Portugal* (Porto, 1889-1892), de Eça de Queirós; *Ovos Moles e Mexilhões* (Aveiro, 1893); *Serões: revista mensal ilustrada* (Lisboa, 1901); *Novidades* (Lisboa, 1885) e *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro, 1901).



que, pouco tempo depois, a publicação adquiria um ritmo semanal³. Manteve-se este «miar», mais próximo do bufar irritado do que do mio chorado por alimento ou carícia, até Janeiro de 1894, totalizando mais de meia centena de números, distribuídos por duas séries. Com *Os Gatos*, Fialho de Almeida resgatou definitivamente do público e dos seus pares o título de panfletário maior da literatura portuguesa. Um mimo obtido à custa de arranhões profundos, donde jorrava o sangue, quando não até mesmo o pus resultante da infecção de muitas das suas relações.

Pertencer ao meio literário não o coibia de formular as mais sarcásticas considerações sobre jornalistas e escritores, acusando-os de sacrificarem a arte da pena ao ritmo desenfreado da vida, ao sustento e ao mau gosto do público: «D'exagero em exagero, assim a moderna literatura foi debochando os paladares, desviando o ideal do seu límpido voo para as regiões clássicas do bello, desorientando as sensações, forçando a nota das catastrophes, explorando o caso raro, arvorando em assumpto d'arte a anomalia; e falseando paralellamente a isto o destino educador e sanitariamente intellectual do seu papel, cedendo o passo aos caprichos da turba, e acceitando por fome a imposição dos gostos grosseiros, e dos instinctos desregrados da canalha! (...) Alguns cheios de talento, alguns febris de génio, mas sem tempo material para produzir obras pujantes, atolam-se como malditos na banalidade da produção a vapor, da produção expontanea sem ranhuras, furiosa, accidental, escripta entre letras protestadas, para fazer com trezentos e sessenta artigos por anno, as setecentas libras necessárias ao prego e á vida factícia dos restaurantes e dos caffés!»⁴ Possivelmente, acreditou que escapava ao destino dessa turba mercenária⁵, pelo brilhantismo com que manejava as armas da ironia, do sarcasmo, da maledicência e até da obscenidade. Quando queria, e queria muitas vezes, era demolidor, mas com finura, desfazia peça a peça. Atente-se na sua análise sobre a imagem régia para o beirão, a propósito da visita de D. Carlos à Beira Baixa: «o rei ideado pelo beirão fanatico é uma especie de ser mythico, lendário, singular, igual a Deus na força, e de fórmula physica incerta ou transmutante: uma espécie de Pedro I, com fibrilhas de Padre Eterno e d'el-rei D. Sebastião. (...) Desnecessário pois mostrar aos rabuzanos do valle da Beira, em vez daquela criação formidável dos seus sonhos, um homenzinho gordo, com olhos d'azulejo e bigodes amarellos, pois nenhuma persuasão

³ Sublinhe-se, no entanto, que *Os Gatos* conheceram diferentes ritmos de publicação: também foi quinzenal. Aliás, por volta de Setembro de 1892, a referência à periodicidade deixa de constar no subtítulo. Na mesma altura, regista-se uma mudança da casa editora que passa a ser: Monteiro & C.^a, com sede em Lisboa, precisamente na mesma morada da filial da Alcino Aranha & C.^a, em Lisboa. À medida que o tempo passa a publicação torna-se muito irregular.

⁴ *Os Gatos. Publicação Mensal, D'Inquerito á Vida Portuguesa*, N.º 37 (30 Jan. 1892), pp.10-11.

⁵ O jornalismo e a sua missão social são temas frequentemente revisitados na obra de Fialho de Almeida. Destacamos aqui a obra *Pasquinadas*, de 1889, na qual se incluem diversos textos de interesse, nomeadamente, os «Jornalistas».



humana faria entrar nos cascos d'aquelles broncos que sua real magestade fosse aquillo.»⁶

Fialho de Almeida foi também um contista exímio. Muitos consideram-no um mestre no género. Em poucas páginas, conseguia recortar os personagens em diversas épocas e ambientes, ao mesmo tempo que fazia desenrolar a acção, revelando psicologias, tipos, caracteres e motivações; na maioria das vezes, atinge a intensidade emotiva adequada, e mesmo valorizadora, da narrativa criada. Entre as suas obras mais apreciadas estão: *Contos*, de 1881; *A Cidade do Vício*, de 1882; *Lisboa Galante*, de 1890; *O País das Uvas*, de 1893; e *Madona do Campo Santo*, de 1896.

Em Novembro de 1893, na sequência do seu casamento com Emília Augusta Garcia Pego, alentejana e abastada proprietária rural, Fialho de Almeida foi residir para Cuba. As responsabilidades familiares e a distância que o separava da capital condicionaram a sua produção literária, que reduz significativamente. No ano seguinte, dá-se o falecimento da esposa e Fialho de Almeida entregou-se novamente às Letras. Também viajou dentro e fora de portas, nomeadamente por Espanha, França, Suíça, Alemanha, Bélgica e Holanda. Não partilhou do optimismo que se instalou com a implantação da República, nem se conteve nas críticas ao novo regime, pelo que sentiu na pele a sua animosidade. Mas o confronto nunca saiu das páginas dos jornais. Fialho de Almeida faleceu a 4 de Março de 1911.

Em Fevereiro de 1931, a Câmara Municipal, sob a presidência de José Vicente de Freitas, atribuiu o nome de «Fialho de Almeida» a um arruamento da capital, situado na Freguesia de São João da Pedreira. A deliberação foi tornada pública, por edital, com data de 12 de Março de 1932.⁷

Rita Correia

Lisboa, 28 de Fevereiro de 2011.

Bibliografia:

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., s.d.

Instituto Português do Livro e da Leitura – *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Mem-Martins: Edições Europa-América, 1990. 6 Vol. ISBN 972-1-03157-7.

⁶ *Os Gatos. Publicação Mensal, D'Inquerito á Vida Portuguesa*, N.º 31 (24 Out. 1891), pp. 7-8.

⁷ «Toponímia de Lisboa» [Em linha]. Lisboa: Divisão de Alvarás, Escrivania e Toponímia. [Consultado a 1/Março/2011]. Disponível em: http://toponimia.cm-lisboa.pt/pls/html/db/f?p=106:1:1618405842379222::NO::P1_TOP_ID:3353:#ancora



Palimpsesto Editora – «Fialho de Almeida» [Em linha]. [Consultado em 28/Março/2011]. Disponível em: http://www.palimpsesto-editora.pt/1/fialho_de_almeida_235479.html

Os Gatos. Publicação Mensal, D' Inquerito á Vida Portuguesa. Porto: Casa Editora Alcino Aranha & C.^a, 1.^a série, 1889-1893.